10. Contos de fadas e desenvolvimento infantil: um olhar sobre crianças institucionalizadas

10. Fairy Tales and child development: a look at institutionalized children

Recebido em: 19 de abril de 2011
Aprovado em: 24 de junho de 2011

Ademir Burgo da Silva
Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Unidade Americana). *E-mail:* ademburgo@yahoo.com.br

Resumo
Este texto apresenta um estudo acerca dos benefícios dos contos de fadas na constituição psíquica de crianças institucionalizadas. Vítima de maus tratos, crueldade, exploração e privação da convivência familiar, a criança institucionalizada atravessa grandes dificuldades durante o processo de desenvolvimento. O estudo que deu origem a este texto se refere a uma pesquisa teórica e prática (contação de história), com o objetivo de refletir sobre a influência dos contos na constituição afetivo-emocional da criança institucionalizada. A elaboração teórica se deu por meio de publicações de caráter científico a respeito dos contos de fadas, utilizando uma análise interpretativa das diferentes perspectivas presentes em diversos autores, com ênfase no trabalho de Bruno Bettelheim. O estudo apresentou resultados significativos, principalmente no que se refere à capacidade da criança de se identificar com os personagens, o que se processa por meio do jogo simbólico.

Palavras-chave
Contos de fadas. Desenvolvimento. Crianças Institucionalizadas.

Abstract
This study aims to reflect on the benefits of fairy tales in the psychic of the institutionalized child. The institutionalized child is going through a very difficult moment in the development process because it is the victim of abuse, cruelty, exploitation and is also deprived of their family. This paper refers to a study conducted by an academic research theoretical and practical (History workshop) in order to clarify the influence of the tales in the development of institutionalized child. A survey of scientific books and articles on fairy tales was conducted using an interpretive analysis, making use of several authors, emphasizing the work of Bruno Bettelheim. The study showed significant results, especially regarding to the child's ability to identify with the characters, which is processed by means of symbolic play.

Keywords
Fairy Tales. Development. Institutionalized Children.

1. Introdução

A escolha do tema de pesquisa surgiu através da leitura do livro intitulado "A Psicanálise dos Contos de Fadas", de Bruno Bettelheim (1980), em que o autor faz uma análise dos contos de fadas clássicos, demonstrando como podem contribuir para o desenvolvimento da criança.

As crianças institucionalizadas, como as demais, são seres humanos em processo de desenvolvimento e, no entanto, necessitam de uma atenção especial, uma vez que são vítimas de diversas formas de maus tratos, tais como: exploração, privação, crueldade, omissão e violência. São crianças privadas do convívio familiar, ou seja, vivem a ausência dos pais, irmãos e todos aqueles que já lhe foram referência. A casa abrigo tem como finalidade amparar estas crianças, buscando todos os recursos essenciais para o atendimento das necessidades de alimentação, higiene, roupa, escola, assistência médica e, principalmente, proporcionar a criança um ambiente de atmosfera familiar.

As crianças são encaminhadas ao abrigo pelo poder judiciário, a princípio, até o momento em que as famílias tenham condições e estrutura para recebê-las novamente. Mas, essa é uma realidade muito difícil

de acontecer para a grande maioria das crianças, mesmo que todas desejem estar juntas de seus pais. É muito comum que as famílias não manifestem interesse em recuperar a guarda da criança e, sendo assim, as mesmas permanecem no abrigo por um longo tempo.

Principalmente em decorrência de seus históricos de vida, enquanto estão no abrigo, é possível perceber que algumas crianças são mais agressivas ou se mantêm mais isoladas; vivem em constante tensão, uma vez que a compreensão do que lhes está acontecendo é muito difícil. Também é importante destacar que a instituição/objeto da pesquisa (Instituto de Promoção e Acompanhamento Casa Abrigo Novo Amanhecer) possui um profissional de psicologia que, todavia, desempenha um grande número de atividades administrativas e, diante disso, apenas algumas crianças recebem atendimento psicológico. Existe uma demanda desses pequenos sujeitos que é muito difícil de ser atendida, isto é, a realidade em que vivem exigiria atendimento psicológico a todas, permitindo-lhes compreender, da melhor maneira possível, o que está acontecendo em suas vidas.

É diante dessa realidade que tal projeto pretendeu contribuir com o trabalho desenvolvido no abrigo, atendendo diretamente todas as crianças institucionalizadas, através da contação de histórias, músicas e brincadeiras, oferecendo para as crianças condições para que encontrem sentidos para suas vidas, através do faz de conta.

As histórias curam, alimentam a alma e aquietam o coração. A criança é capaz de "viajar" na história e encontrar meios para resolver seus conflitos. Através do faz de conta, a criança é capaz de fantasiar, brincar, sair da realidade difícil que vive, expressando seus sentimentos de maneira lúdica, através das histórias. As histórias têm efeito terapêutico, portanto, todas as crianças que participam da atividade de contação de histórias são beneficiadas.

O poeta alemão Schiller (apud Bettelheim, 1980, p. 14) dizia que: "há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida me ensina." As palavras do poeta alemão demonstram o quanto foi importante para o seu desenvolvimento ouvir histórias em sua infância.

Bettelheim (1980) afirma que uma criança não alcança uma compreensão racional do que acontece em sua vida, sendo assim, ela preenche essas

lacunas com suas fantasias. Os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento da criança, estimulando o imaginário, ampliando a visão de mundo, ajudam a criança a interiorizar de maneira equilibrada alguns sentimentos, confortam e acalentam.

Com base nestas observações é que demos início à pesquisa que originou o presente texto e, através da qual, foi possível desvendar o mundo fascinante dos contos de fadas e sua importância na formação da personalidade da criança.

2. Desenvolvimento teórico

Segundo Góes (1984), os contos de fadas são representações e nasceram na alma do povo. A etimologia da palavra *fada* vem de *fadum,* que significa *fado*, ou seja, destino do homem. As fadas são de origem pagã. São seres imaginários dotados de virtude e poderes sobrenaturais, que interferem na vida dos homens para ajudá-los em situação de limite, usando objetos encantados, como talismã, varinhas de condão, gratificando os seus escolhidos.

Com o passar dos séculos e com as mudanças de costumes, as fadas continuaram ocupando um lugar privilegiado, mantendo o poder de atração sobre os homens e crianças, realizando sonhos ou ideias inerentes à condição humana.

De acordo com Khéde (1986), os contos de fadas têm diversas origens, como a do folclore europeu e oriental, havendo um cruzamento de princípios, predominando o judaico-cristão e o da vertente mítica da antiguidade greco-latina. Na perspectiva da autora, pode-se dizer que os contos de fadas atualizam, em suas variantes, questões universais, como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia.

Coelho (2000), por sua vez, afirma que os primeiros contos de fadas teriam surgido entre os celtas, povos bárbaros que, submetidos pelos romanos no século II a.C e século I da Era Cristã, se fixaram nas Gálias, Ilhas Britânicas e Irlanda. A essa herança atribui-se o fundo maravilhoso, de estranha fantasia, imaginação e encantamento que possuem os contos de fadas.

Segundo Abramovich (1991), a história de Cinderela era contada na China, durante o século IX d.C.. Isso demonstra que os contos de

fadas têm se perpetuado há milênios, mostrando toda força do folclore dos povos. Na perspectiva da autora, os contos de fadas perpetuam até hoje porque lidam com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana.

Segundo Jacinto (2005), os contos de fadas sobreviveram à custa da tradição oral até serem compilados em texto, sendo que, sua origem não era concebida para crianças, pois se tratavam de narrativas complexas que descreviam o mundo das fadas. Com os passar do tempo, os contos foram simplificados e introduzidos na literatura infantil. De acordo com a autora, em meados do século XVIII, a literatura infantil se renova, permitindo que os contos de fadas sejam encarados como um veículo essencial na transmissão de lições morais especificamente para crianças, introduzido nos programas escolares. Esse fato gerou muita controvérsia, o que fez surgir, de um lado, os defensores desse tipo de literatura, por seu caráter fantasioso, que induz a criança ao gosto pela leitura e contribuindo para o seu desenvolvimento; por outro lado, surgem os que defendem que essa categoria de conto reduz a capacidade criativa da criança, pois ilude e afasta da realidade.

Os contos de fadas partem de um problema vinculado à realidade, como um estado de carência, conflito entre mãe e filho, no qual o desenvolvimento é uma busca de soluções no plano da fantasia, utilizando elementos mágicos, como fadas, bruxas e gigantes, conforme expõe Aguiar (apud Abramavich, 1991).

Segundo Almeida (2006), os contos de fadas descrevem o mundo através de sua riqueza simbólica, descrevem a realidade subjetiva da mente humana, tornando-a mais verdadeira, provocando-nos a refletir sobre os aspectos mais obscuros de nosso psiquismo, que não podem ser alcançados através do pensamento consciente. De acordo com a autora, esse poder que os contos de fadas exercem sobre o psiquismo é maior para o pensamento infantil, porque a criança é captada pela beleza da linguagem dos contos, que está muito próximo de seu mundo inconsciente.

Os contos de fadas permitem que a criança elabore seus sentimentos mais profundos e contraditórios, através da identificação com os personagens do conto. O tipo de identificação que a autora se refere é realizado através do jogo simbólico, presente em muitas brincadeiras espontâneas infantis, como brincar de casinha, médico; brincadeiras

que a criança realiza sem a intervenção do adulto. Na perspectiva da autora, essas brincadeiras são utilizadas para incorporar aspectos da personalidade da criança que são complexos, inaceitáveis e contraditórios, assim, permitindo que o ego da criança consiga algum domínio sobre estes elementos, o que não poderia ser feito quando a criança é solicitada ou forçada pela circunstância a reconhecê-lo como projeções de seus processos internos.

Os contos de fadas asseguram a criança que, por mais difícil que seja a vida e mesmo diante dos problemas (como ser desajeitado, perder um amigo, enfrentar a separação dos pais), ela será capaz de atravessar a floresta escura e superar todos os obstáculos, assim como o herói dos contos. Este é o poder mágico dos contos de fadas e que nos fazem conhecer e compreender melhor a nós mesmos, sendo esta a razão de sua permanência através dos séculos. Essas histórias, mesmo em um mundo cheio de brinquedos e maravilhas tecnológicas, ainda conseguem sobreviver, prendendo a atenção de adultos e crianças pelo fascínio e simplicidade (Almeida, 2006).

A mensagem de sucesso e segurança que os contos de fadas carregam é de extrema importância para o imaginário infantil. Através dessas histórias, conhecemos a inveja, a mágoa, as amizades e as traições. Os contos de fadas podem salvar as crianças, isto é, os clássicos existem para ensinar a criança a viver no mundo, à procura do caminho da consciência, permitindo que a criança encontre o caminho mais leve. Para a autora, os contos não precisam ter, necessariamente, uma fada, pois isso é apenas mais um símbolo, que surge da ideia do encantamento.

Segundo Jung (2008, p.18), "símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós". De acordo com o autor, muitas vezes conhecemos os objetos, mas seus significados simbólicos são ignorados. Uma palavra, termo ou imagem, é um símbolo quando representa algo além do seu significado manifesto. O símbolo tem um aspecto inconsciente e não pode ser definido ou explicado. É algo que está fora da razão, isto é, utilizamos símbolos para representar conceitos que estão fora do alcance da compreensão humana.

A capacidade de simbolizar do ser humano nasce e estrutura-se a partir de dois movimentos: conhecer e perder o objeto. Simbolizar é sentir a perda, é olhar e substituir o objeto perdido por outro. O ser humano passa por momentos de perda importantes em sua vida: o desmame e as castrações, da umbilical à fálica. Isso permite simbolizar o mundo (Lima, 2000).

Na perspectiva de Vanícola (apud Alves, 2007), através dos jogos simbólicos é possível que a criança conheça e expresse sua cultura por meios de brincadeiras, reproduzindo seu cotidiano, o que possui uma função socializadora. Através desse tipo de ação lúdica, ao se inserir nos jogos de faz de conta, a criança utiliza-se de representações simbólicas, permitindo a organização das ideias, inserindo-se no mundo da cultura, que são acontecimentos e ações plenos de significações.

De uma forma geral, a atividade lúdica abrange a utilização de jogos, brincadeiras e brinquedos e pode ser entendida como principal manifestação da criança pequena, assumindo um importante papel para o desenvolvimento de vários aspectos sensório-motores, socioemocionais e cognitivos, e também pode representar a inserção da criança na cultura em que está inserida (Alves, 2007).

A brincadeira é parte principal de um espaço de aprendizagem, onde a criança é capaz de agir além do seu comportamento cotidiano, experimentando diferentes papéis sociais. Durante a atividade lúdica, a criança é capaz de ultrapassar o conhecimento sobre o mundo externo e pode conviver com sentimentos diferentes que fazem parte de sua realidade interior (Oliveira apud Alves, 2007).

De acordo com Winniccott (1975), o terapeuta busca a comunicação da criança e, geralmente, sabe que a mesma não possui domínio da linguagem, ou seja, não é capaz de transmitir infinitas sutilezas que são encontradas nas brincadeiras por aqueles que as procuram.

> A brincadeira é universal e é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia: finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (Winniccott, 1975. p. 63).

Nos primeiros seis anos de vida, o brincar tem um significado especial, indica um processo evolutivo neuropsicológico saudável, pois é uma

manifestação de como a criança está organizando sua realidade e seus conflitos. Ainda, o brincar é capaz de inserir a criança de maneira gradativa e eficiente no processo de aprendizagem, contribuindo para a construção da reflexão da autonomia e criatividade (Oliveira apud Alves, 2007).

Conforme Radinho (apud Alves, 2007), no período entre quatro e seis anos, os contos podem ajudar a criança em seu desenvolvimento, mostrando-lhe, em uma linguagem acessível, conflitos humanos já experimentados e que não tem condições de compreender. As narrativas proporcionam forma aos seus desejos e funcionam como um cenário para seus sonhos, estimulando a imaginação, favorecendo seu processo de simbolização.

A utilização de técnicas na contação de história contribui para o desenvolvimento da capacidade da imaginação e favorece o desenvolvimento emocional da criança, pois as técnicas narrativas podem ser utilizadas como mediação, permitindo negociar e renegociar significados. O ato de contar histórias pode ser útil para a criança compreender e interpretar eventos perturbadores que esteja vivenciando (Fazio apud Alves, 2007).

De acordo com Coelho (1991), contar história é uma arte que requer certa tendência inerente e uma predisposição latente em toda pessoa que pretende lidar com crianças. Para a autora, além das técnicas que as didáticas ensinam, existem outras qualidades que podem ser estimuladas e desenvolvidas no narrador, entre elas, o contador precisa estar consciente de que a história é importante e que o mesmo é apenas o transmissor, ou seja, conta o que aconteceu com naturalidade, e contar com naturalidade é ser simples. Também é necessário ser criativo, recriando o texto original, sem modificar a sua estrutura.

Na perspectiva da autora, o narrador não se agita, muito menos se movimenta de um lado para o outro. Suas emoções são transmitidas pela voz que é seu principal instrumento. O narrador deve emitir sua voz de maneira definida, inconfundível, sabendo modulá-la de acordo com que está contando, seguindo alguns aspectos como intensidade, clareza e conhecimento.

Abramovich (1991) afirma a importância para a formação de qualquer criança ouvir histórias. Para a autora, o primeiro contato que a criança tem com um texto é a partir da oralidade, através da voz da

mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, histórias inventadas ou trechos bíblicos em uma tarde de chuva, num feriado ou em um momento de aconchego, à noite, antes de a criança dormir. É ouvindo histórias que uma criança é capaz de sentir emoções importantes como, raiva, medo, irritação, bem-estar, pavor e tantas outras coisas. É ouvindo histórias que se pode conhecer outros lugares, outros tempos e outros jeitos de agir. Segundo Góes (1984), os contos de fadas colocam um dilema existencial de maneira breve e categórica, permitindo assim que a criança aprenda o problema de maneira essencial. O mal é tão onipresente quanto a virtude, assim como, na vida, o homem está propenso para o mal e para o bem. As estruturas dos contos sugerem às crianças como elas podem estruturar seus devaneios e com eles dar direção à sua vida.

Os contos oferecem matérias de fantasia que sugerem à criança, de forma simbólica, o significado de toda batalha para conseguir uma autorrealização, garantindo um final feliz.

Segal atribui um valor importante da fantasia inconsciente na dinâmica da vida mental da criança. Na perspectiva da autora, "as fantasias inconscientes são, em todos os indivíduos, ubíquas e sempre ativas" (2002, p.22). Sua presença não é mais indicativa de doença ou de falta de sentido, mas o que determinará o caráter das fantasias é como elas estão relacionadas com a realidade. Para Segal (1975, p. 23), "a fantasia pode ser considerada como o representante psíquico ou correlato mental, a expressão mental dos instintos".

Segundo a autora, as fantasias são onipotentes e não existe diferenciação entre fantasia e experiência da realidade. Os objetos fantasiados e suas satisfações são experimentados como acontecimentos físicos. A formação da fantasia é uma função do ego. O ego, impulsionado pelos instintos e pela ansiedade, é capaz de formar relações de objeto na fantasia e na realidade. A fantasia não é uma fuga da realidade, mas uma constante experiência real, com as quais está em constante interação.

É próprio do ser humano fantasiar e, através da fantasia, é possível viajar pelo inconsciente sem repressões, sem angústias. É mais fácil para a criança delirar de prazer com a morte da bruxa de João e Maria, ardendo no fogo, ou com a madrasta de Branca de Neve, sendo obrigada a dançar com os chinelos em brasas, do que admitir seus desejos

de vingança para com a rival representada pela mãe. Isso permite que a criança não tenha sentimentos de culpa, que existiriam se esses castigos fossem reais (Lima, 2002).

De acordo com Bettelheim (1980), os contos ajudam a criança a elaborar, na fantasia, as pressões inconscientes. Na perspectiva do autor, existem alguns contos de fadas nos quais aspectos opostos de uma mesma personalidade são projetados em figuras diferentes como, por exemplo, a história de "Simbad o Marujo e Simbad o Carregador", os nomes alterados demonstram o conteúdo fantástico da história. Segundo o autor, a história começa quando:

> Simbad, um simples carregador, está descansando em frente a uma linda casa. Meditando sobre sua situação, diz: "o dono deste lugar convive com todos os prazeres da vida e se delicia com perfumes agradáveis, comida excêntrica e vinhos exóticos... enquanto outros suportam o máximo de trabalho... como eu." (Bettelheim, 1980, p, 105).

Segundo o autor, o herói da história demonstra uma existência baseada em uma satisfação agradável e outra em uma necessidade; são dois aspectos que pertencem à mesma pessoa. O herói diz sobre si e sobre o desconhecido dono do palácio. Os dois personagens são a mesma pessoa, mas de forma diferente. No decorrer da história, o carregador é convidado ao palácio, onde o dono, durante sete dias, narra suas viagens fabulosas. Assim, a história conta que os dois Simbad são: um vivendo uma dura realidade e o outro uma vida de aventuras e fantasias.

A história do simples carregador pode ser encarada como fantasia que o herói utiliza para escapar da vida dura. O ego cansado permite ser dominado pelo id, onde o id, que é a sede de nossos desejos, é orientado para a realidade, podendo levar à satisfação ou ao perigo. Isso é demonstrado nas sete viagens que Simbad, o Marujo faz, desejando aventuras fantásticas, encontrando perigos, como gigantes que matam seres humanos e depois assam no espeto para comê-los. Também encontra serpente que deseja engoli-lo, e pássaros que o transportam para vários lugares pelo céu. Assim, suas fantasias de desejos são realizadas vencendo as ansiosas, pois é salvo e volta para casa com grande riqueza, passando a viver uma vida de descanso e satisfação.

Mas, o herói se depara com as exigências reais que devem ser encaradas. O id, tendo predominado por algum tempo, permite que o

ego se reafirme e Simbad, o Marujo volta à vida cotidiana de trabalho duro. Através dessa história, podemos entender os dois lados isolados de nossa ambivalência, que são projetados em personagens diferentes. Essa ambivalência pode ser melhor entendida quando as pressões instintivas do id são projetadas no viajante corajoso que sobrevive a todos os perigos, enquanto o ego, orientado para a realidade, representa o trabalho árduo do pobre carregador.

Na perspectiva de Bettelheim, o conto orienta a criança na direção pré-consciente de que os dois personagens são duas partes de uma única pessoa e que o id e o ego são partes integradas de nossa personalidade. O autor também explica a fantasia da madrasta malvada. Na perspectiva do autor: "há um tempo certo para determinadas experiências de crescimento, e a infância é o período de aprender a construir pontes sobre a imensa lacuna entre a experiência interna e o mundo real" (1980, p, 83).

Os contos de fadas auxiliam a criança nessa integração, pois exprimem verdades sobre a humanidade e sobre a própria pessoa. No conto "Chapeuzinho Vermelho", a avó, que é uma pessoa doce, amável e compreensível, sofre uma súbita substituição pelo lobo que ameaça destruir a criança. Encarando essa transformação de forma objetiva, podemos achar completamente contrária à realidade, mas, para a vivência da criança, a vovó não é mais a mesma pessoa, tornou-se um "bicho papão". Como pode alguém que era tão compreensível e mais tolerante do que a própria mãe agir de uma maneira tão diferente? Incapaz de enxergar as diferentes manifestações, a criança vê a vovó como duas pessoas separadas, a avó que ama e a que ameaça.

A criança é capaz de dividir a avó em dois personagens para preservar a imagem da avó boa. Para a criança, a mãe protetora, que ama, cuida e dá carinho, também pode se transformar em uma madrasta malvada, se for capaz de negar ao seu filho algo que ele deseja. Essa divisão que a criança faz, de uma pessoa em duas, para manter a imagem de uma pessoa boa, geralmente, ocorre como uma forma de solução para um relacionamento difícil de compreender.

Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas com personagens fadas ajudam a criança a encontrar a felicidade mesmo com a presença da madrasta. Incentivam a criança a lutar e a não ser destruída pelo impostor e que, embora existam bruxas, as fadas também existem e são

mais poderosas. Para o autor, estas fantasias são conhecidas, em psicanálise, como romance familiar, permitem e ajudam a criança a sentir raiva do pai ou da mãe má, sem o sentimento de culpa. Dessa forma, os contos ajudam a criança a lidar com sentimentos contraditórios. A fantasia da madrasta malvada preserva a imagem da mãe boa, como impede a criança de se sentir culpada pelos pensamentos e desejos raivosos, o que prejudicaria a relação entre ambas.

As narrativas dos contos reproduzem a história de vida de qualquer criança. Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela e João e Maria são histórias aparentemente impróprias para serem contadas para crianças, pois parecem de terror e, mesmo assim, sobrevivem de geração em geração. Talvez o segredo seja que todas contam nossa própria história (Alves, 2002).

De acordo com Bettelheim, "João e Maria começa realisticamente. Os pais são pobres, e se preocupam como poderão cuidar dos filhos. Juntos, de noite, discutem o futuro deles, e o que poderão fazer por esse futuro" (1980, p.195). Os personagens João e Maria acreditam que os pais estão tramando abandoná-los enquanto conversam. E realmente são abandonados no meio da floresta. Na primeira vez em que os irmãos são abandonados, com sua esperteza, João consegue voltar para casa. Mas, isso nada adianta, pois a mãe se livra novamente das crianças. As crianças, depois de um longo período longe de casa, voltam com um monte de pérolas preciosas para casa e todas as preocupações acabam e eles vivem juntos na mais completa alegria. "João e Maria" é uma história de faz de conta, mas é muito semelhante às histórias de crianças institucionalizadas, ou seja, crianças que moram em abrigos. Essas crianças são retiradas do âmbito familiar por estarem em situação de risco, são vítimas de maus tratos e todos os tipos de violência.

De acordo com Leite (apud Bueno; Silva, 1992), no Brasil, o cuidado com crianças órfãs e abandonadas teve início no século XVIII, quando foi implantado o sistema das "Rodas dos Expostos": as crianças recém-nascidas entravam na instituição por uma porta rotatória, iniciando, assim, sua história de anonimato e abandono. Esse sistema foi criado com o objetivo de salvar a vida das crianças abandonadas que, depois de crescidas, seriam encaminhadas para o trabalho produtivo forçado. Mas, com o passar dos tempos e com o aumento de

crianças abandonadas, surgem as dificuldades em manter essas instituições, dando origem aos orfanatos, que eram mantidos por instituições filantrópicas e pelo Estado.

Segundo Altoé (apud Bueno; Silva, 1992), devido a alguns movimentos sociais da época, surge uma lei que vem para garantir os direitos do cidadão: a Constituição Federal de 1988, no art. 227, que estabelece como dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Em 13 de julho de 1990, surge o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O ECA surgiu depois de muita luta e veio com o objetivo de contemplar as medidas de proteção e as medidas socioeducativas para crianças e adolescentes, independentemente de classe social, cor, raça e religião. O Estatuto da Criança é um documento que vem como medida de proteção da criança e do adolescente para o enfrentamento das dificuldades sociais, resguardando os mesmos dos abrigos fechados e possibilitando uma oportunidade de inserção na comunidade, com programas de atendimento à criança, ao adolescente e à família.

De acordo com Arolla (apud Bueno; Silva, 1992), a grande maioria das crianças que chegam aos abrigos possui família, sendo que os principais motivos de seu abrigamento são: desestrutura familiar, extrema pobreza, falta de responsável e violência doméstica (maus tratos, rejeição e abuso sexual). Conforme Adorno (apud Guerra, 1998, p.31), "a violência é uma forma de relação social; está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência". Portanto, para o autor, a violência expressa padrões de sociabilidade, ou seja, modo de vidas, modelos atualizados de comportamento vigentes em uma sociedade, em um momento determinado de seu processo histórico. A violência é a negação de valores como, liberdade, igualdade e vida, por isso, o abuso-vitimização consiste em um processo no qual a criança e o adolescente são reduzidos a uma condição de objeto de maus tratos.

Essa é a realidade que crianças institucionalizadas vivenciam. Al-

gumas crianças não têm contato com nenhum membro de sua família, são abandonadas e, por sua vez, o abandono também pode ser entendido como uma forma de violência, assim como na história de João e Maria. De acordo com Bettelheim (1980), o casal de irmãos João e Maria ouve seus pais discutindo o futuro deles: irão abandoná-los no meio da floresta. Para o autor, quando uma criança acorda com fome, no meio da noite, se sente ameaçada por uma rejeição e abandono que experimenta sob forma de medo de morrer de fome; é quando a criança projeta sua ansiedade interna sobre aqueles que ameaçam abandoná-los. A mãe representa toda fonte de alimentação para o filho e, por ter sido abandonada em uma floresta, para a criança a mãe se tornou um ser egoísta, rejeitador e pouco amoroso. Na perspectiva do autor, essa história dá corpo às ansiedades e tarefas de aprendizagem da criança, que precisa vencer e sublimar seus desejos primários e destrutivos.

A história termina com a volta dos heróis para casa, onde agora encontram a felicidade, depois de vencerem todas as dificuldades, dominarem as ansiedades, sublimarem os anseios que não podem ser satisfeitos e, assim, a criança está pronta para viver novamente feliz com os pais, perdoando-os.

Segundo o autor, essa história pertence aos contos de cooperação, pois, num auxílio mútuo, os irmãos alcançam o sucesso devido aos esforços conjugados. As histórias orientam no sentido de transcender a dependência imatura dos pais e alcançar os níveis seguintes e mais altos do desenvolvimento, valorizando o apoio dos companheiros de idade, cooperando com eles na realização das tarefas, pois deverá substituir finalmente a dependência infantil e restrita aos pais.

Hoje, como no passado, a tarefa mais difícil e mais importante na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar um significado na vida, e muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança deve aprender, à medida que se desenvolve, passa a passo, a se entender melhor, tornando-se mais capaz de entender os outros e se relacionando de forma satisfatória e significativa. Para Bettelheim, os contos de fadas são enriquecedores e satisfatórios para a criança que, através deles, pode aprender sobre os seus problemas interiores e encontrar soluções corretas.

Para a criança, a vida é desconcertante e é preciso ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo em que vive. Para que

a criança seja bem-sucedida, precisa de ajuda para dar sentido ao seu turbilhão de sentimentos, colocando ordem na sua "casa interior" e ser capaz de criar ordem na sua vida. Tais contribuições às crianças encontram-se nos contos de fadas que, de formas múltiplas, transmitem a mensagem de que a luta contra as dificuldades da vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, e a criança não deve se intimidar, mas enfrentar de maneira firme as pressões inesperadas e muitas vezes injustas. Só assim será capaz de superar todos os obstáculos e emergirá vitoriosa.

Gurfreind (apud Alves, 2007) realizou um estudo em oficina de contadores de histórias com crianças em situação de risco, separadas de seus pais e que moravam em abrigos na França. Ao final do estudo, foram constatados efeitos terapêuticos sobre a vida imaginária das crianças. Os resultados foram obtidos através de relatórios e instrumentos de avaliação que, na conclusão, o autor pôde usar na comparação dos resultados, antes e depois das crianças terem participado das oficinas de contos.

Entre os resultados obtidos, houve melhora nos discursos das crianças, uma atividade de fantasia mais rica e maior expressão de afetos. O autor reconhece que os contos possuem um potencial metafórico, permitindo que a criança expresse e elabore seus sentimentos.

3. Considerações Finais

Após realizar uma análise de referenciais teóricos que possibilitassem uma visão mais ampla sobre o desenvolvimento infantil de crianças institucionalizadas, a presente pesquisa buscou compreender como os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento das mesmas. Ao longo da pesquisa teórica, foi possível, paralelamente, observar, na prática, o que alguns autores descrevem sobre os contos de fadas.

No início das atividades, algumas crianças não manifestaram o interesse em participar da contação de história, mas isso, com o passar do tempo, foi mudando, as crianças foram se aproximando, até que todas participaram das atividades, interagindo, cantando e brincando com os contadores. Sendo assim, foi possível verificar a coerência entre o conteúdo teórico e a prática.

De acordo com os autores, os contos de fadas partem de um problema vinculado à realidade, como conflito entre mãe, filho, pai ou irmãos, no qual a criança busca soluções no plano da fantasia. As histórias de vida de crianças institucionalizadas são bem semelhantes aos contos de fadas. São crianças passando por momentos difíceis de suas vidas, como o abandono, devido ao falecimento dos genitores ou a dificuldades em oferecer os cuidados necessários para seus filhos. Algumas estão sofrendo a dor da separação entre irmãos, pois há casos em que um é adotado e o outro não.

Na perspectiva dos autores, os contos de fadas permitem que as crianças elaborem sentimentos profundos e contraditórios através da identificação com os personagens, sendo que essa identificação se dá através do jogo simbólico. Durante a contação de história, isso acontece de maneira muito clara, evidente. A criança é capaz de interagir com os contadores, envolve-se na história, expressando sentimentos que o herói está vivenciando. Por exemplo, no momento em que um dos contadores narrava a história "João Jiló", em que o herói mata um pássaro, uma criança foi capaz de expressar a dor que o pássaro provavelmente sentia.

Durante as observações, é possível perceber que a criança é capaz de se identificar com os personagens ao ponto de participar da história, como podemos descrever no comportamento de uma criança: o contador contava a fábula "O Leão e o Ratinho". Conforme diz a história, em um determinado momento, o leão fica preso por uma rede (uma espécie de toca em forma de rede), sendo salvo, em seguida, pelo ratinho. Ao final da história, a criança se levantou, pegou a toca que estava em cima de uma mesa, colocou na cabeça e disse: "eu sou o leão". Esse foi um dos momentos mais marcantes do período em que ocorreu a contação de história, principalmente, pelo fato do menino estar sempre isolado.

De acordo com os autores, os contos de fadas são de extrema importância para o imaginário infantil e, através dos jogos simbólicos e das brincadeiras, a criança reproduz seu cotidiano. Esta atividade lúdica permite à criança organizar suas ideias, incorporando, assim, aspectos complexos e contraditórios de sua personalidade.

No que se refere às brincadeiras e jogos simbólicos, durante a con-

tação de história (entre uma história e outra), os contadores utilizam música infantil, com intuito de proporcionar às crianças momentos de brincadeiras, ou seja, momentos lúdicos. O interessante é que, para uma criança, uma das músicas ficou fortemente marcada: enquanto o contador se trocava no banheiro, o menino cantava a tal música. A mesma criança também manifestou outro comportamento relevante, quando o estagiário, após contar a história "A Estrela de Laura", ofereceu a todas as crianças uma estrela como representação simbólica da história. A criança, horas depois, enquanto estava no colo do contador, disse: "tio, se eu fosse pro céu eu daria essa estrela pro Deus".

Na perspectiva dos autores, as técnicas utilizadas pelos contadores contribuem, e muito, para o desenvolvimento da criança, estimulando a imaginação e favorecendo o desenvolvimento emocional, ajudando a mesma a compreender e reinterpretar eventos de sua vida.

Na prática, os contadores utilizam vários instrumentos durante as narrativas, com o objetivo de chamar a atenção das crianças, e é impactante o fascínio pelos instrumentos, querendo tocá-los. Outro aspecto que merece destaque é que a criança acredita no que os contadores estão dizendo; por mais fantasioso que possa ser, a criança demonstra, através da expressão facial, o seu encanto pelo que ouve e vê. Portanto, mesmo num mundo pautado em muita informação, as crianças ainda acreditam no faz de conta.

Através do conteúdo teórico e prático, a pesquisa ora descrita buscou compreender a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento de crianças institucionalizadas. A proposta de intervenção como pesquisa de campo (a contação de história) pôde verificar as proposições de diversos autores. Portanto, vale ressaltar que tal proposta contribui, consideravelmente, para o trabalho realizado na instituição-abrigo.

4. Bibliografia

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scipione Ltda, 1991.

Almeida, M. T. de. (2006) *Conto de Fadas – Além do Encantamento*. São Paulo: Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/artigo10c.html>. Acesso em: 12 set. 2009

ALVES, H. C. (2007) Abordagem Bioecológica e Narrativas Orais: um

estudo com crianças vitimizadas. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos: Disponível em: www.scielo.com.br. Acesso em: 20 set. 2009.
ALVES, R. *Um Mundo num Grão de Areia*. Campinas: São Paulo: Versus, 2002.
BETTELHEIM, B. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
BUENO, D. M. C. das V., SILVA, L. E. da. *As Crianças e os Adolescentes na Casa Abrigo:* uma experiência no "Lar Feliz" de Jaguariúna. São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana: 2002.
COELHO, B. *Contar Histórias uma Arte sem Idade*. São Paulo: Ática, 1991.
COELHO, N. N. *Literatura Infantil*. São Paulo: Moderna Ltda, 2000.
GÓES, L. P. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.
GUERRA, V. N. de A. *Violência de Pais Contra Filhos*: A tragédia revisitada. São Paulo: Cortez, 1998.
Jacinto, Sónia; Ceia, Carlos. Conto de Fadas. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/conto_fadas.htm>. Acesso em: 26 set. 2009.
JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
KHÉDE, S. S. *Personagens da Literatura Infanto e Juvenil*. São Paulo: Ática S.A., 1986.
Lima, T. A. C. (2000). A Função Simbólica das histórias infantis e as fantasias inconscientes. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=266>. Acesso em: 12 set. 2009.
SEGAL, H. *Introdução a Obra de Melanie Klain*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.
WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imagro Editora LTDA, 1975.